

Na Bielorrússia, a "vigilância ubíqua" do Governo sobre os cidadãos gera "paranóia"

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	05/06/2025
Meio:	Público Online - P3 Online	Autores:	Ana Marques Maia

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=a0143be6>

Ihar Hancharuk regressou ao seu país depois de anos de ausência para descobrir que "a desconfiança e a suspeita se tornaram parte da identidade nacional do povo da Bielorrússia".

Após passar vários anos fora do seu país, a Bielorrússia, Ihar Hancharuk regressou com a intenção de produzir um novo projecto fotográfico sobre a identidade nacional bielorrussa. "Porque passei um longo período num ambiente diferente, fora do meu habitat habitual, senti que esse tópico era relevante para mim", lê-se na sinopse de *What If I Am a Spy?*, que se encontra em exposição na Casa Comum da Reitoria da Universidade do Porto, até 28 de Junho, ao abrigo da presente edição da Bienal de Fotografia do Porto. "Sentia que queria conhecer o meu povo novamente."

Quando começou a disparar a sua câmara fotográfica, deparou-se com uma "reacção inesperada" da parte das pessoas com quem se cruzava na rua. "Para além das perguntas 'quem és tu?' e 'porque é que estás a fotografar?' também ouvi uma bizarra 'és um espião?', embora eu fotografasse sempre abertamente e em áreas não restritas", explica. "Gradualmente comecei a perceber que a desconfiança e a suspeita se tornaram parte da identidade nacional do povo da Bielorrússia."

Hancharuk, fotógrafo "pós-documental", considera que o "controlo ubíquo" dos cidadãos por parte do governo bielorrusso, país aliado da Rússia de Putin, contribui grandemente para a formação desse traço identitário. "Um estranho com uma câmara, que também fala bielorrusso, enquanto a grande maioria das pessoas, no seu dia-a-dia, usa o russo, automaticamente se torna suspeito", explica Hancharuk. "As pessoas pensavam que eu era parte de uma organização não-governamental de media e ter contacto com alguém que tenha esse perfil, na Bielorrússia, pode conduzir a problemas com as autoridades. Assim, as pessoas têm medo. Têm paranóia, diria até."

Assim, Ihar Hancharuk começou a tirar fotografias de lugares comuns, desinteressantes, nas cidades. "Locais públicos e elementos que estão no ambiente urbano - tudo o que normalmente não está relacionado com vigilância na consciência colectiva", descreve. "Fiz imagens bidimensionais, chatas, para dar expressão à paranóia que sentia ao meu redor a todo o momento."

Ao trabalhar no projecto, o bielorrusso encontrou objectos dentro de sua casa que podiam ser associados a espionagem, como drones, passaportes, binóculos, câmaras e microcâmaras. "Ao misturar as imagens desses dois ambientes, criei uma história ficcional, uma espécie de relatório de um espião que nunca teve intenção de o ser."

Ihar, um dos artistas da FUTURES, uma plataforma de fotografia europeia, centra o seu trabalho em conceitos de identidade, pessoal e nacional, memória colectiva, propaganda e sobre a influência dos média sobre indivíduos e sociedades. Na Bienal de Fotografia do Porto, apresenta o projecto em conjunto com seis outros fotógrafos emergentes, também membros da mesma plataforma.

Ana Marques Maia